

SÃO ROQUE: UM EXÍLIO
Uma análise do papel do Hospital São Roque (Piraquara/Pr)
na história da hanseníase no Paraná.

Elizabeth Amorim de CASTRO¹ / UFPR

A loucura, a lepra e a tuberculose sempre conduziram os seus doentes ao isolamento. O princípio desta ação era o de retirar as pessoas contaminadas de seus lares e de suas vidas, para que a saúde do restante da sociedade não fosse comprometida, uma vez que a medicina não conseguia tratá-las de maneira eficaz. A lepra, hoje denominada hanseníase, foi a moléstia com os mais antigos registros de exigência de isolamento. Este, pelo incurável e transmissível da doença, tinha um caráter permanente e obrigatório, podendo ser considerado, portanto, um exílio. Esta prática de segregação, embora antiga, teve respaldo científico e formalização legal, no final do séc. XIX. No Brasil, surgiram os hospitais-colônia, locais de confinamento de leprosos, os quais passaram a ter como finalidade tornar este isolamento *compulsório* mais humanitário e como característica reproduzir dentro de seus muros a vida *de fora*. Se a segregação tornara-se inevitável, era um dever do Estado deixá-la menos desagradável. Neste sentido, a construção destas instituições pode ser considerada um dos pilares da intervenção urbana, de base higienista, consagrada na época: organizar e sanear as cidades, retirando de seu seio tudo o que poderia ameaçar a saúde da população. O Hospital São Roque, situado no Município de Piraquara, Paraná, e inaugurado em 1926, seguindo estes preceitos foi considerado como modelo nacional. Este trabalho buscou elementos para a compreensão da inserção desta instituição na trajetória da hanseníase no Paraná. Para atingir esse objetivo, foram percorridos dois caminhos, os quais, ao final, se encontraram no Hospital São Roque: o significado desta doença e sua história milenar e a evolução e o estudo do hospital enquanto lugar de exílio e cura. Neste percurso, a compreensão do estigma que a hanseníase carrega e as suas diversas justificativas ao longo do tempo foram fundamentais para entender esta instituição. Este estudo contribui para o entendimento da hanseníase atualmente, uma vez que o Brasil detém o segundo lugar mundial em número de casos e o Paraná é o primeiro da lista na Região Sul. O presente trabalho corresponde à monografia de conclusão do Curso de Especialização em Análise Ambiental de 2002.

¹ Arquiteta e Urbanista, Especialista em Análise Ambiental e Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFPR. Endereço eletrônico: elizabethamorim@tutopia.com.br